

ESTADÃO 

educação bilíngüe

29 DE MARÇO DE 2023



Há cerca de 800 escolas bilíngües no Brasil, de acordo com estimativa da Organização das Escolas Bilíngües (OEBi)

PASSAPORTE PARA O FUTURO

Em um mundo cada vez mais globalizado, escolas bilíngües se consolidam como diferencial

É possível aprender um novo idioma a qualquer momento da vida, mas tudo se torna bem mais simples e natural quando o contato começa na primeira infância. Isso explica o crescimento que as escolas bilíngües vêm experimentando no Brasil. De acordo com estimativa da Organização das Escolas Bilíngües (OEBi), há cerca de 800 estabelecimentos desse tipo no Brasil, dos quais metade pertence a grandes franquias.

“Há Estados que há dez anos não tinham escola bilíngüe e hoje têm mais de 30”, diz o presidente da OEBi, Kevin Sorger. Só na cidade de São Paulo são cerca de 70 estabelecimentos. A ênfase maior é dada ao inglês, mas há também opções de escolas para quem prefere que o segundo idioma de aprendizado dos filhos seja o francês, o espanhol, o italiano, o alemão ou o japonês, entre outras possibilidades.

Para ser considerada bilíngüe, uma escola precisa cumprir requisitos bem mais amplos do que simplesmente ensinar outro idioma além do português. A exigência principal é ter um currículo único, integrado e ministrado em duas línguas, em todas as etapas de ensino, com foco tanto no desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas quanto acadêmicas. Não se trata, portanto, de ter “aulas de inglês”, mas sim “aulas em inglês”.

Em 2020, o Ministério da Educação (MEC) estabeleceu diretrizes para o ensino plurilíngüe, regras que continuam ainda à espera de homologação. Uma das exigências é que a instrução no idioma adicional alcance um patamar mínimo de participação em todas as fases do ensino – pelo menos 30% ao longo da educação infantil e do ensino fundamental, e 20% no ensino médio. O problema, para Sorger, está na ponta oposta, a definição do teto de 50% para a participação do idioma não materno. “Isso contraria um preceito consagrado do ensino bilíngüe, que é a inserção total da criança no idioma não materno ao longo dos anos pré-alfabetização”, observa o presidente da OEBi.

Entre perdas e ganhos, a nova deliberação traz um requisito visto como essencial para diferenciar as escolas verdadeiramente bilíngües daquelas que apenas recorrem ao nome como marketing. O corpo docente precisa ter formação específica em Pedagogia ou Letras para educação bilíngüe, além da comprovação de proficiência no idioma praticado no estabelecimento. “É uma prática que as escolas que fazem parte da nossa associação já adotam há muito tempo”, destaca Sorger.

Riqueza cultural

O presidente da OEBi é diretor da Kindy, escola fundada pela mãe, Katja. Assim que ela chegou a São

Paulo, em 1998, teve dificuldade para encontrar uma escola em que os filhos – Kevin, então com 9 anos, e Tabytha, com 4 – pudessem se integrar à cultura brasileira e, ao mesmo tempo, não perder o domínio do inglês. O filho mais velho recebeu uma bolsa num colégio britânico, mas Katja decidiu abrir a escola para a caçula, que formou a primeira turma com duas outras crianças. O estabelecimento foi crescendo ao longo dos anos e hoje, cobrindo até o final do ensino fundamental II, tem 140 alunos.

Tornar-se fluente em inglês significa se juntar ao seletor grupo de brasileiros que dominam plenamente o idioma, estimado em apenas 1% da população. É um diferencial que resulta em salários 83% superiores à média da mesma categoria profissional, de acordo com pesquisa da consultoria Catho.

Além das vantagens financeiras, várias pesquisas já demonstraram que pessoas bilíngües têm atividades cognitivas aprimoradas. Uma dessas pesquisas, chamada Cérebros Bilíngües, feita pela Stanford University, enfatizou também a riqueza cultural que se torna acessível por meio de um idioma: “A linguagem é o nosso meio de navegar pelo mundo e descobrir novas ideias. A História, a cultura e as tradições estão incorporadas na língua. Ser bilíngüe significa ter uma perspectiva muito mais ampla de mundo devido à riqueza de conhecimento que há nas línguas”.

ESTADÃO
BLUE STUDIO

Patrocínio: 

Este material é produzido pelo Estadão Blue Studio.

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
 COTAGEM PARA PUBLICIDADE E ATUALIZAÇÃO

pressreader

PATRIMÔNIO

Além da vantagem competitiva, aprender idiomas desde cedo oferece outros benefícios

A descrição do cotidiano de uma escola bilíngüe dá uma boa ideia dos diferenciais desse modelo de ensino. Com 16 anos de história, a Escola Canadense de Niterói (RJ) mantém um forte vínculo com o programa educacional oficial da província de New Brunswick, que tem a peculiaridade de ser a única do Canadá oficialmente bilíngüe. "Com isso, a metodologia pode ser mais facilmente aplicada a estabelecimentos bilíngües ao redor do planeta, porque o ensino lá é todo feito simultaneamente em inglês e em francês", diz o diretor acadêmico, Rodrigo Porto.

Na prática, o que acontece na escola brasileira é a substituição do francês pelo português, com a obrigação adicional de cumprir o currículo brasileiro. Outra diferença em relação às escolas internacionais em funcionamento no Brasil é que o calendário seguido é o brasileiro.

Na Escola Canadense de Niterói, o aprendizado do inglês começa no jardim de infância, sendo que nos quatro primeiros anos há imersão total das crianças no idioma – considera-se que, no resto do tempo, fora da escola, elas estarão provavelmente convivendo exclusivamente com a língua portuguesa. Depois, na fase da alfabetização, o período de aulas passa a ser dividido entre os dois idiomas: primeiro o materno, depois a língua adicional.

Mais do que o ensino de um idioma, no entanto, a escola reflete a afinidade com uma cultura. Um estabelecimento com influência canadense tem peculiaridades em relação aos congêneres americanos ou ingleses, apesar de o idioma ser o mesmo. No caso da Escola Canadense, há um incentivo especial ao desenvolvimento das chamadas soft skills, os atributos de comportamento, cada vez mais valorizados no mercado de trabalho. As salas não são organizadas em filas de carteiras, mas em grupo de três ou quatro estudantes, que se apoiam em caso de dúvidas ou dificuldades. "Incentivamos a cooperação, e não a competição", sintetiza o diretor acadêmico – que, a propósito, divide as responsabilidades com uma colega vinda do Canadá.

No ano passado, a Escola Canadense de Niterói passou a integrar a Rede Inspira de Educadores, uma das principais operadoras de escolas do País, com 110 instituições de ensino de diversas linhas pedagógicas e distribuídas em 19 Estados do Brasil. Com isso, acelerou o processo de expansão, que levou à inauguração em fevereiro de uma nova unidade, em Itacoatiara, região oceânica de Niterói. Agora, são 700 alunos, divididos entre as duas unidades.

Aprendizado lúdico

Alguns mitos relacionados ao aprendizado de línguas por crianças já foram definitivamente refutados pela ciência, embora muitas vezes ainda sejam evocados. Não se justifica, por exemplo, o receio de que o contato desde cedo com outro idioma deixaria a criança sobrecarregada e estressada. Esse risco é ainda menor em escolas bilíngües, adequadamente preparadas para conciliar o aprendizado de dois idiomas. Nelas, tudo ocorre de forma lúdica, com inserção natural no cotidiano das atividades. O segundo idioma não é uma "atividade a mais".

Outra questão que costuma ser citada é a possível "confusão" feita pela criança entre os dois idiomas. "A área da memória da língua estrangeira não é a mesma da língua materna", explica

PARA A VIDA



Na Escola Canadense, há também um incentivo especial ao desenvolvimento das chamadas soft skills, os atributos de comportamento, cada vez mais valorizados no mercado de trabalho



Daniel Fernandes é empreendedor, mentor e palestrante especializado em educação

Daniel Fernandes, empreendedor, mentor e palestrante especializado em educação. "Por isso muitos neurologistas indicam o estudo de idiomas para adultos com histórico familiar de doenças neurológicas degenerativas", observa o fundador da CCLi Consultoria Linguística, com metodologia fortemente baseada em neurolinguística – iniciativa que recebeu o Prêmio Nacional de Inovação, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em 2019.

Outra vantagem cognitiva do aprendizado de idiomas no início da vida é que, quanto mais cedo começa o processo, menos sujeita a criança fica às crenças limitantes que costumam acometer os adultos dedicados a esse tipo de estudo. Entre essas limitações, estão a vergonha por cometer erros, o medo de se expor, a autoconfiança abalada, a sensação de inferioridade diante de comparações com quem sabe mais e a culpa por não evoluir tão rápido quanto o desejado.



Fotos: Global Me / Divulgação

A Global Me entende que os ambientes da escola também são ferramentas a ser usadas no processo educacional

Assim como as crianças que a frequentam diariamente e crescem ao mesmo tempo que se desenvolvem, a Global Me também ficou maior. A escola bilíngue e de natureza sócioconstrutivista ganhou uma segunda unidade em São Paulo, passando a contar com o Ensino Fundamental.

Criada em 2004, a instituição iniciou sua trajetória com uma unidade no bairro Jardins, que até então se limitava à Educação Infantil. No começo deste ano, porém, foi inaugurado um novo espaço, no Itaim Bibi, com Educação Infantil e também os dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Os planos agora são de ampliar a oferta, ao longo do tempo, completando todo o ciclo de educação básica.

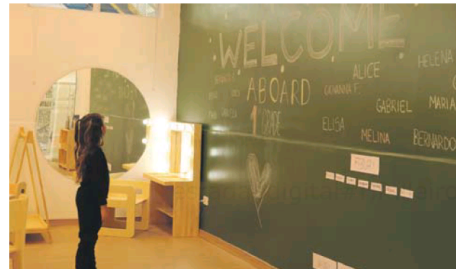
A Global Me acredita que, assim, contribuirá para o desenvolvimento das crianças que antes sofriam uma ruptura no processo de aprendizado em uma fase tão importante como a do letramento. Agora, esse período será concluído com a sequência do modelo pedagógico adotado na Educação Infantil. "A ideia é preservar a infância, com espaço adequado para o desenvolvimento", explica Renata Sá Freire, diretora da Global Me.

"Vimos as crianças deixando a Global Me em um processo sofrido para elas e as famílias, em uma transição muito brusca. Conseguimos, assim, o desejo de oportunizar o aprendizado por um método mais próprio para infância que não na lousa, mas vivenciando a vida", acrescenta Karina Rizek, coordenadora pedagógica geral.

A instituição de ensino tra-

Global Me expande para o Ensino Fundamental e ganha segunda unidade em São Paulo

Além da Educação Infantil, a nova escola, no Itaim Bibi, também recebe crianças a partir de 6 anos para dar sequência ao aprendizado pelo método construtivista



Na instituição o ensino é bilíngue: "O professor fala inglês o tempo todo"

balha sob a perspectiva de que os espaços são parte do processo de aprendizagem. Assim, as vivências se dão em diferentes locais, para que a interação com o mundo amplifique a aquisição de conhecimento. Como já se dá na primeira unidade, a escola no Itaim também tem ambientes com luz natural e ventilação, além de jardins, salas e cozinhas para a realização das atividades.

"O espaço também é um educador. Trazemos várias maneiras de ensinar. Os parques, por exemplo, são desenhados para cada faixa etária e não são muito estruturados, para que as crianças consigam construir suas atividades, e os explorem

de diversas maneiras", explica Renata. "A ideia é trabalhar com a multiplicidade de espaços. As crianças não devem ficar confinadas em um só, embora exista um local de referência", acrescenta Karina.

A Global Me atua com a proposta de trabalhar o desenvolvimento físico, cognitivo, da saúde e do bem-estar das crianças. O método, então, não demanda materiais didáticos prontos, para, entre outras coisas, não limitar o pensamento. "Consideramos o interesse das crianças. Então, o aprendizado se dá com temáticas diferentes para grupos diferentes, dando conta de todo o conteúdo curricular", diz a

coordenadora pedagógica.

Além disso, o aprendizado é bilíngue, com um porcentual maior de atividades em inglês e professores que falam o idioma o tempo todo enquanto estiverem na escola.

Foco nos profissionais

A continuidade do aprendizado na Global Me, agora acentuada com a entrada no Ensino Fundamental, também se dá com os profissionais, todos contratados. Atualmente a escola conta com 140 funcionários para 300 crianças. E a direção trabalha para que haja crescimento profissional, com a ascensão nas funções. Para viabilizar isso, eles participam de uma imersão, depois atuam lado a lado com a coordenação pedagógica, que discute o planejamento das atividades e observa como estão sendo realizadas as práticas, para que todos os processos sejam incrementados. "Todos que estão em contato com as crianças podem ser potenciais educadores. Então, toda a equipe é envolvida, pois o aprendizado pode acontecer a todo momento e em qualquer situação. E a vivência é a melhor forma de se aprender", conclui Renata.

Este material é produzido pelo Estadão Blue Studio com patrocínio da Global Me.

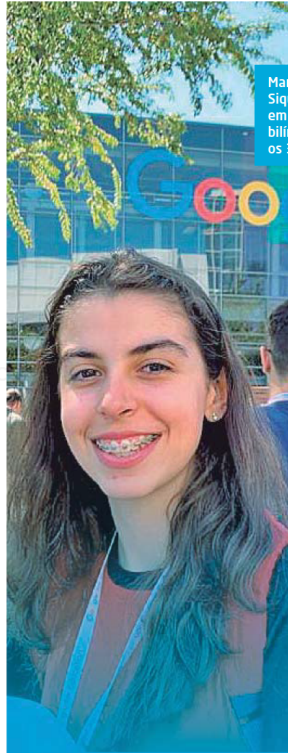
MUNDO DE OPORTUNIDADES

Conheça a história de três jovens que se diferenciam no mercado pelo domínio de idiomas

Hoje com 18 anos, Mariana Siqueira se viu, aos 14, diante do desafio de viajar sozinha até o Vale do Silício, nos Estados Unidos, para apresentar a 50 executivos do Google a ideia de um aplicativo de tutoria na área de educação, selecionada num concurso internacional promovido pela empresa. “Deu tudo certo, consegui me virar muito bem no inglês. Não só ali, mas em todos os outros momentos da viagem, como pedir comida e conversar com as pessoas”, ela lembra.

A segurança demonstrada pela adolescente só foi possível porque ela havia estudado desde os 3 anos de idade em uma escola bilíngüe, a Escola Canadense de Brasília. A familiaridade com o idioma inglês se tornou um fator essencial, também, para a escolha da carreira – Mariana está começando o curso de Engenharia Mecatrônica na Universidade de Brasília (UnB), com perspectiva de obter transferência no meio do ano para uma instituição dos Estados Unidos ou do Canadá, contatos em andamento. “Tecnologia, em geral, é uma área que tem muitos vídeos e materiais em inglês. Teria sido difícil conhecer melhor esse mundo e me interessar por ele sem dominar o idioma.”

Mariana conta que a decisão de matricular-la ainda muito cedo em uma escola bilíngüe foi influenciada principalmente pelo pai, um biólogo que sempre trabalhou com pesquisa. “Ele percebeu o quanto o domínio do inglês fez falta na carreira dele e não queria que isso acontecesse comigo e com o meu irmão mais novo, que também está estudando na Escola Canadense.”



Mariana Siqueira estuda em escola bilíngüe desde os 3 anos

Arquivo pessoal



Caio Viégas Dério é analista da unidade médica brasileira da ONG Médicos Sem Fronteiras

Divulgação/MSF

Vicente Molinos, 30 anos, gerente da área de reestruturação na consultoria Alvarez & Marsal, é outro exemplo de quem tem a trajetória profissional fortemente definida pela fluência em inglês – adquirida desde os 4 anos, quando ingressou na Chapel School, em São Paulo, onde estudou até o fim do ensino médio. Ele saiu dali diretamente para a faculdade de Business Administration and Management, na Northeastern University, em Boston.

“Durante a faculdade, não tive qualquer problema relacionado ao idioma. Nunca fiquei atrás de qualquer colega de classe por esse motivo”, descreve Vicente. Na volta ao Brasil, em 2015, ele se tornou trainee da EY, transferindo-se em seguida para a Alvarez & Marsal, com a qual completará sete anos de vínculo em junho.

Idiomas no cotidiano

Nem todo mundo tem a oportunidade de conviver com outros idiomas desde cedo, mas sempre é possível começar. Foi o que fez Caio Viégas Dério, hoje com 28 anos, analista da unidade médica brasileira da ONG Médicos Sem Fronteiras, no Rio – cargo para o qual ele foi selecionado, em grande parte, pelo domínio de inglês e francês e pelas boas noções de espanhol, italiano e árabe. “Todos os dias uso no trabalho outros idiomas além do português, em reuniões, e-mails, traduções ou outras situações”, ele descreve.

Em 2014, quando foi aprovado no curso de Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Caio tinha um domínio apenas básico de inglês. Ele logo percebeu que boa parte da literatura indicada era em idiomas estrangeiros. “Eu precisava correr atrás, não havia alternativa”, lembra.

Os caminhos foram os mais diversos. Incluíram uma bolsa em uma escola de idiomas, cursos no Abraço Cultural – ONG em que as aulas são ministradas por refugiados – e a seleção para um curso de um ano na Sciences Po Rennes, Instituto de Ciências Políticas que é referência mundial na área, oportunidade que permitiu a Caio aprimorar muito o domínio do francês. Na volta ao Brasil, ele prestou um serviço voluntário na ONG Cáritas, onde era responsável por receber refugiados recém-chegados.

Caio desenvolveu uma metodologia para preservar e aprimorar o aprendizado. Ele reserva um dia da semana para cada idioma. Pela manhã, lê um jornal na língua da vez e segue para o trabalho ouvindo uma playlist só com canções na mesma língua. À noite, se for ver alguma série, escolhe uma que seja falada no idioma. “São atividades inseridas no meu cotidiano e que faço com prazer”, ele destaca. Sempre que possível, ele frequenta eventos do Mundo Lingo, comunidade internacional que promove encontros com o objetivo de trocar experiências e praticar idiomas.